

O Pianista de Hotel

RODRIGUES GUEDES de CARVALHO (2017). *O Pianista de Hotel*. Alfragide: Dom Quixote, 480 p.



Da grande narrativa e do nosso tempo

Abriram ambos um livro e, julgando lê-lo, estavam a ser lidos.

Rodrigo Guedes de Carvalho, *O Pianista de Hotel*.

O novo romance de Rodrigo Guedes de Carvalho, *O Pianista de Hotel*, uma narrativa de grande fôlego e estrutura mista nas diversas visões e transfigurações da nossa sociedade actual, sendo narrado na terceira pessoa é constituído pela polifonia das suas vozes agudas, conscientes da sua sorte, sobrevivendo em todos os estratos socioeconómicos e financeiros da sociedade que é a nossa, mas a sua geografia precisa não impede a universalidade do que habitualmente chamamos a condição humana nas suas mais diversas versões, ou seja, reconfirma aqui o famoso dito faulkneriano de que toda a grande literatura é feita ou tem como tema dominante o «coração humano em conflito consigo próprio». Não gosto muito de comparações entre um escritor e outro, mas aqui vai outra: se Ernest Hemingway escreveu um romance de guerra sob o título de *Adeus às Armas*, é a busca do amor impossível num hospital que domina a temática e impulso dominantes da sua obra prima, ou então um Albert Camus a propor ou a lembrar-nos que todo e qualquer ser humano está condenado infinitamente a carregar a pedra montanha acima mesmo sabendo que a tarefa e o sofrimento serão intermináveis. É uma outra mostra da nossa capacidade de nunca aceitar a derrota. A humanidade, na sua infinita incapacidade de se aperceber do belo à sua volta, vive submergida, cada homem e mulher, na sua condição e

circunstâncias, sendo essa alusão repetida a Ortega y Gasset em certas páginas como um refrão a uma tragédia grega, às origens da nossa própria incapacidade de ultrapassarmos tudo o que nos estava guardado ou ditado pelos deuses.

Esta mais recente obra do autor aqui em foco, o seu quarto romance publicado recentemente, leva-nos ao outro lado do estado da nossa humanidade na sociedade dos nossos dias: o desamor perpétuo entre quase todos os seus personagens principais, sem nunca deles deixar de tentar dar uma nova direcção nas suas vidas, de recriar a cada passo os seus valores existenciais para sobreviverem por entre a indiferença generalizada numa sociedade que anda sem olhar nem ver mais ninguém à sua volta, numa azáfama de vida rumo a nenhures, tal como os vemos nas ruas de Lisboa aos encontrões, a multidão que nos parece acéfala e que se esconde depois em apartamentos de onde apenas se avista, quando se avista, as caras sem sorrisos e os buzinões dos frustrados ou raivosos. Praticamente toda a trama de *O Pianista de Hotel* gira em volta da vida de um hospital, dos seus médicos, enfermeiros e doentes, o sofrimento físico e psíquico o inevitável dia-a-dia de cada um, sem nunca se dar ou permitir a entrega fácil à desesperança e à morte. O que mais impressiona nesta magnífica e complexa ficção é que o leitor nunca se sente deprimido, bem pelo contrário, reencontra-se a si próprio, cada ser aqui reinventado contendo um pouco de nós todos, o humor, ora leve ora a roçar a sátira («os médicos não entendem porra nenhuma de medicina»), fazendo-nos tomar consciência de que ninguém está só na sua pouca sorte, de que ninguém deixa de contrariar o que nós portugueses repetimos incessantemente como sendo o destino ou o nosso fado. Lemos a transfiguração de personagens e “realidades” – mas, para além desse acto de encontros com os outros, lemo-nos a nós próprios. Escrevi-o noutra parte quando comecei a ler estas páginas que a grande arte permanece sempre a grande arte, mas quando nos chega em certos momentos das nossas vidas torna-se ainda mais poderosa e bela no nosso pensamento e emoção, o que foi – não são chamadas para aqui as razões – o meu caso particular no encontro com esta prosa. Aliás, a única redenção para algumas destas vidas é o apego ou a apreciação da própria arte, nas suas muitas formas e géneros, como se depreende do próprio título, mesmo que só reconhecido por poucos entre todos eles, entre todos nós.

O Pianista de Hotel não tem um mas vários protagonistas que se encontram num entrelaçado de ocasionalidades ou coincidências, cada um deles e delas como que representando, como já referi, as mais diversas origens e sortes de vida: Maria Luísa, mulher de 27 anos de idade, criada de mesa num restaurante da classe abastada, vivendo só após abandono do pai e morte precoce da

mãe, linda e cujo corpo é objecto de todos os olhares e desejos de homens e mulheres. Menciono esta personagem porque ela é que movimenta boa parte da narrativa, e é com ela que o romance chega ao fim enquanto se passeia sem rumo e é seguida nesse momento pelo enfermeiro Luís Gustavo, também só, de origem provinciana algures no norte do país, e que perde a coragem nesse momento de abordar decisivamente a mulher que bem o poderia aceitar na sua vida, e dar início a nova esperança de alguma felicidade. Pelo meio temos médicos sofridos mas dedicados, um homossexual que acaba todo partido no hospital após um espancamento numa rua da capital e que o leitor suspeita, sem nunca ser dito pelo narrador, quem foram os seus carrascos, assim como duas psiquiatras de alma atribulada, uma também pela sua orientação sexual, a outra, ela própria enquanto tenta ajudar os seus pacientes, em contínua psicanálise num combate aos seus próprios demónios. Nenhum deles foge ao seu inferno, à infelicidade quotidiana entre a casa e o seu lugar de trabalho. Edmund Wilson acreditava que um breve resumo de uma peça literária era em si próprio já uma «crítica» ou apreciação do seu leitor ao mais que o comove na palavra ou na arte em geral, a humanização de cada ser inventado reside precisamente nos pormenores mais inesperados das suas vidas, dos seus medos ou da superação ou não que os atormenta e afasta um mínimo de sentido das suas vidas, ou então na sua determinação de fazer a pedra às suas costas nunca o derrotar ou fazer temer o dia seguinte. Um romance é quase sempre e essencialmente a ordenação do caos entre os que compõem outros mundos ou de ser e estar, é uma aproximação permitida por um *deus ex machina* ou por circunstâncias que os aproximam, mesmo quando incomuns ou inevitáveis. O fascínio de qualquer leitor mais atento vem desses encontros e desencontros, como um doente com o seu cuidador ou duas pessoas sentadas num bar a partilhar o que os rodeia, o que ouvem. Numa narrativa que muitas vezes nos parece algo joyceana na sua estrutura e pormenores quotidianos que quase sempre nos passariam despercebidos, com personagens e acontecimentos a serem descritos em simultâneo, o romance de Rodrigo Guedes de Carvalho nunca deixa o leitor pendurado em meras insinuações ou alusões obscuras, a sua prosa é de uma clareza e viveza pouco comuns na nossa literatura. Por certo que na chamada pós-modernidade literária a variedade de autores e obras forcem o leitor a definir os seus gostos muito próprios, a optar por um género sobre outro, cada um trazendo à sua leitura, olhar ou ouvido, o que misteriosamente o faz ver e sobretudo rever-se. O autor refere aqui, de quando em quando, que a palavra só por si não chega para espelhar no seu todo a nossa existência. É quase no fim do romance que juntamos as peças todas, e percebemos por inteiro o seu título.

Fascinado, porque constatou que o pianista – diz o narrador de uma visita ao hotel do enfermeiro na companhia de um médico de nome Pedro Gouveia, que está também presente em todo o romance, e vão ouvir a mestria de um pianista sem fama e que toca para quase ninguém – fazia alguns movimentos, algumas passagens entre teclas, alternava alguns acordes, iguais a algumas aulas que ele tem procurado na internet. Sendo que o Conde Melo é um pianista exímio, só os hóspedes do hotel não percebiam, e ao fazer o que fazia tudo parecia muito fácil, e Luís Gustavo espantou-se, feliz, a ver como dois ou três corrupios de dedos enchiam a sala numa nuvem harmoniosa... E algo nele disse, eu quero fazer isto.

O Pianista de Hotel é essa peça de arte literária também exímia, e que deixa os seus leitores, uma vez mais, reverem as suas próprias circunstâncias nesta longa representação, e a sociedade em que todos vivemos. Creio ser o regresso de um certo existencialismo, e fica pelas sugestões de que cada personagem vive no isolamento da sua miséria ou dos seus sonhos, o passado assombrando, sempre, o presente de cada um deles. «Os meus mortos visitam-me regularmente», lembra o narrador sobre um deles em busca de si e de outra existência, em «Depois Do Fim», numa afirmação da e pela vida, seja ela qual for ou nos tenha colocado no labirinto indiferente do grande mundo que nos rodeia. À crueza de uma prosa por vezes crua junta-se a poesia pura de quem olha a vida pelos dois lados do espelho de onde sobressai a alma humana, que para sempre sonha com essa «nuvem harmoniosa» como aponta o dedo aos demónios que nos habitam.

Vamberto Freitas